ENSINO SUPERIOR: QUÍMICA RECUPERA ALUNOS EM 1ª FASE

Na 1ª fase de acesso ao ensino superior, os cursos de licenciatura e mestrado integrado da área de Química preencheram 1115 vagas das 1404 disponíveis, o que representa um aumento de cerca de 27% no número de alunos relativamente ao ano anterior.

De facto, no ano de 2006 houve apenas 878 candidatos a cursos da área da Química na 1ª fase, culminando uma tendência de decréscimo de alunos iniciada no ano 2000. Os 1115 candidatos agora admitidos ultrapassam os registados em 2005 (1075) e em 2004 (1055), embora fiquem ainda longe dos números de 2003 (1296).

O aumento mais significativo do número de candidatos regista-se nos cursos de Engenharia Química, que

passaram de 200 candidatos em 2006 para 370 este ano. Os cursos de Bioquímica registaram também uma subida significativa (de 414 para 502), enquanto os cursos de Química – que incluem as licenciaturas em Química, Química Aplicada, Química Industrial e Química Tecnológica – sofreram um decréscimo de 19 alunos.

A taxa de ocupação das vagas nesta 1ª fase aproximou-se dos 80%, reflectindo também uma maior racionalização da oferta das instituições de ensino superior. Os cursos de Bioquímica apresentaram uma taxa de ocupação de 100%, enquanto os de Engenharia Química se aproximam dos 80%.

O panorama é diferente nas licenciaturas em Química, com uma taxa de

ocupação global de 55%. Das 8 licenciaturas oferecidas, apenas as licenciaturas em Química da Universidade do Porto e da Universidade de Aveiro viram as suas vagas totalmente preenchidas (90 e 20 alunos, respectivamente). As taxas de preenchimento para os restantes cursos foram: Química Industrial na UBI 74% (26 colocados para 35 vagas); Química + Química Tecnológica na FCUL 49% (47/95); Química na UC 45% (18/40); Química Aplicada na UNL 36% (20/55); Química Industrial na UC 33% (10/30); Química na UM 16% (12/74).

À data da edição deste número do “Química”, não se conhece ainda que parte destas vagas irá ser ocupada na 2ª fase do concurso.

A Direcção da Sociedade Portuguesa de Química congratula-se por esta evolução positiva numa área científica de grande importância no desenvolvimento do país e deseja a todos os jovens estudantes os maiores sucessos académicos e profissionais.

Paulo Ribeiro Claro

Secretário Geral da SPQ

CURSO SUPERIOR?

No início de Julho, no momento em que milhares de jovens portugueses ponderavam o caminho a seguir após concluírem o ensino secundário, a SPQ procurou contribuir para uma decisão informada quanto ao seu futuro. Este texto foi publicado nas 'Notícias/Opinião' da página web da SPQ a 2 de Junho de 2007, tendo sido previamente disponibilizado aos meios de comunicação social. O jornal O Público dedicou-lhe a página 6 da edição de 1 de Julho de 2007, com o título "Jovens estão a optar por cursos sem futuro" e o Jornal de Notícias desenvolveu o tema nas páginas 18/19 da edição de 17 de Julho de 2007, sob o título "Tecnologias e Gestão são áreas com mais emprego".

Curso Superior?

Um contributo para uma escolha informada

No momento em que milhares de jovens portugueses completam o ensino

secundário, são muitos os que ainda hesitam em prosseguir os estudos – e porventura são mais ainda aqueles que não dispõem da informação necessária para escolher o seu curso superior.

A escolha deve dar prioridade à vocação de cada um, mas é importante que os jovens saibam que as vantagens económicas individuais da formação superior são conhecidas e há cursos com melhores perspectivas profissionais do que outros.

Mas vale mesmo a pena tirar um curso superior? (Claro que sim!)

Nas diversas ocasiões em que fiz a apresentação dos cursos do meu de-

partamento* a jovens do ensino secundário, comecei sempre por dar resposta a esta pergunta. Isto porque ao longo dos anos temos assistido ao crescimento do mito de que um curso superior atrapalha a entrada no mercado de trabalho português! Um mito alimentado por conversas de “ouvir dizer” e por alguma comunicação social: o aumento “brutal” do desemprego entre jovens licenciados no mês de Setembro (logo após o fim do ano lectivo!) é uma notícia recorrente, e já quase todos nós ouvimos contar a história de alguém que teve de esconder as suas habilitações para conseguir um emprego...

Nada mais falso, contudo! Em Portugal, como nos restantes países eu-

ropeus e da OCDE, a posse de um curso superior *reduz o risco de desemprego e aumenta a remuneração auferida* pelo trabalhador.

De acordo com os estudos de Pedro Portugal (Boletim Económico do Banco de Portugal, vol.10, Março 2004), um trabalhador com o 9º ano de escolaridade tem 3 vezes mais probabilidades de desemprego do que um licenciado. Para um trabalhador com o 12º ano de escolaridade, o risco de desemprego é ainda 1,74 vezes superior ao de um licenciado.

Estes dados são reforçados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (Diário Económico, 6-4-2006) que sublinha o facto de o nível de desemprego ser sempre menor entre a população mais qualificada – que também necessita de menos tempo para conseguir um novo emprego.

No que respeita a salários, o investimento em formação escolar superior oferece, no mercado de trabalho português, uma rentabilidade privada excepcional. De acordo com o CIPES - Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior, o vencimento médio

dos licenciados é mais do dobro do vencimento médio dos não licenciados (CIPES, “Acesso ao Ensino Superior, Equidade e Emprego”, 2006). Segundo a OCDE, o salário médio dos trabalhadores licenciados em Portugal é cerca de 80% superior ao dos trabalhadores com o ensino secundário completo (OCDE, “Education at a Glance 2004”, Tabela A11.1). No trabalho anteriormente referido, Pedro Portugal calcula que o prémio salarial da licenciatura relativamente ao 12º ano de escolaridade é de 63%. Considerando uma vida activa até aos 60 anos, Pedro Portugal estimou que um licenciado recebe cerca de 330.000 Euros mais do que um trabalhador com o 12º ano – um valor que compensa claramente o investimento para realização do curso superior.

Mas os cursos são todos iguais? (Claro que não!)

No entanto, se as vantagens da obtenção de um curso superior são claras, é preciso salientar que nem todos os cursos conduzem aos mesmos benefícios a nível de carreira profissional. E é neste ponto que é fundamental disponibilizar mais informação aos jovens candidatos ao ensino superior!

Um excelente estudo patrocinado pelas sociedades de Química e de Física inglesas (*Royal Society of Chemistry e Institute of Physics*) em 2005, torna óbvias as diferenças entre as diversas áreas de formação no ensino superior em Inglaterra (Figura 1).

O estudo indica que os benefícios económicos individuais da formação superior relativamente ao ensino secundário completo é, em Inglaterra, de cerca de 23% – um valor ainda assim bastante inferior ao observado em Portugal – mas que esses benefícios podem variar desde cerca de 40% para um licenciado em Medicina ou em Direito, até pouco mais de 10% para um licenciado em História. Sem qualquer surpresa, entre os cursos que proporcionam o maior benefício económico, logo após Medicina e Direito, encontram-se as Engenharias, a Química e a Física (benefício de cerca de 30%). E é “sem surpresa” porque vivemos num mundo cada vez mais baseado na ciência e na tecnologia, com uma necessidade crescente de cientistas e engenheiros competentes.

A Química surge naturalmente neste rol pelo seu contributo para a sociedade actual – em quase tudo o que nos habituámos a tomar como garan-

Figura 1 Vantagem salarial individual – em termos percentuais – dos cursos superiores relativamente ao equivalente ao ensino secundário completo, em Inglaterra. [Fonte: RSC & IP, “The economic benefits of higher education qualifications”, 2005]